

O PAPEL DO EDITOR: PARA ALÉM DOS ASPECTOS LINGÜÍSTICOS

Cleide Emilia Faye Pedrosa
Universidade Federal de Sergipe

Resumo: Neste artigo vamos analisar o gênero textual Frase a partir da interface entre as áreas da Lingüística e da Comunicação Social. Nosso objetivo será identificar as marcas lingüísticas e ideológicas nos processos de retextualização e recontextualização. Nosso estudo está fundamentado na área da Comunicação Social e em estudos da Análise Crítica do Discurso (ACD). Os textos foram coletados em cinco revistas nacionais: Contigo (C), Época (E), IstoÉ (I), Tudo (T) e Veja (V). Os resultados comprovam que as práticas discursivas desse gênero textual indicam a manipulação da linguagem para efeitos de sentidos utilizados pelo editor (ou pela linha editorial) para divulgar suas crenças, convicções e sua leitura de mundo.

Palavras-chave: Gênero textual Frase; Comunicação Social; Análise Crítica do Discurso; Manipulação da linguagem.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta uma interface entre as áreas da Lingüística e da Comunicação Social, especificamente no que concerne ao domínio jornalístico. Dentro desse entrecorte de estudo, trabalharemos com o gênero textual Frase, analisando-o com base no objetivo: Identificar as marcas lingüísticas e ideológicas nos processos de retextualização e recontextualização, como indicações de manipulação da linguagem para efeitos de sentidos utilizados pelo editor para divulgar suas crenças, convicções e sua leitura de mundo.

Para embasar nosso posicionamento na área da Comunicação Social, nos pautamos em leituras sobre as redes de edição, sobre a manipulação na imprensa, bem como consultamos alguns manuais de redação divulgados pela Folha e o Globo, por exemplo. Já a área da Lingüística foi respaldada nas linhas de estudos da Análise Crítica do Discurso (ACD) e dos gêneros discursivos ou textuais.

1. EMBASAMENTO TEÓRICO

Bakhtin (2000) dá início a seu estudo sobre os gêneros de discurso ressaltando que todas as atividades humanas estão relacionadas à utilização da língua e que, portanto, não é de admirar que tenhamos tanta diversidade nesse uso e uma conseqüente variedade de gêneros que se afiguram incalculáveis.

Meurer (2000) defende que há tantos gêneros textuais quantas são as situações sociais convencionadas em que são utilizados em suas funções também convencionadas. Um gênero é um exemplar específico com função tam-

bém específica, usado em contextos sociais únicos, estabelecendo processos e ações sociais peculiares e, conseqüentemente, práticas sociais únicas. Os gêneros textuais que os seres humanos produzem, consomem e a eles se expõem lhes determinam, em grande parte, os conhecimentos, a identidade, os relacionamentos sociais, a cultura e até a própria vida que experimentam.

Da ACD, destacamos o fato de ser uma disciplina que se ocupa, fundamentalmente, de análises que dão conta das relações de dominação, discriminação, poder e controle, na forma como elas se manifestam através da linguagem (WODAK, 2003). Nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente.

Ainda é postura metodológica e teórica da ACD a ênfase em se fazer um trabalho interdisciplinar, objetivando-se uma compreensão adequada do modo como a linguagem opera. Esse tipo de análise busca uma teoria da linguagem que incorpore a dimensão do poder como condição capital da vida social. Daí, justifica-se o esforço de estudiosos da ACD para desenvolver uma teoria da linguagem que apresente essa dimensão como uma de suas premissas fundamentais.

2. O GÊNERO DISCURSIVO EM ESTUDO

Trabalharemos com o gênero textual Frase. Ele é constituído de microtextos e envolve em sua prática discursiva os processos de retextualização e recontextualização. No primeiro, o editor fragmenta ou estabelece um recorte do evento comunicativo escolhido, segundo seus propósitos ou os da instituição a que serve. O segundo processo é o da recontextualização. Ao descontextualizar o evento comunicativo, o editor necessita definir um novo contexto, o que denominamos de recontexto, por ser de sua inteira responsabilidade, por não passar para o leitor a segurança da legitimidade da contextualização.

Exemplo do gênero:

“Antigamente era proibido falar contra o governo. Agora é proibido falar a favor.”

O presidente Lula, demonstrando enorme ingratidão com a revista Carta Capital (V, 15/11/06)

3. AS REDES EDITORIAIS

Brémond e Brémond (2002) denunciam que multinacionais controlam as informações recebidas pelo público. Como esses grupos controlam, igualmente, os meios de divulgação, então, a manipulação passa também pelas técnicas mercadológicas. Esse fenômeno é chamado de “onipotência da difusão”.

A edição está hoje dominada por alguns gigantes: Bertelsmann, Vivendi-Universal, Lagardère [...]. Para essas grandes empresas, o livro não é senão um elemento em uma estratégia de controle, a nível mundial, de

todos os aspectos da comunicação, desde o livro à televisão, da imprensa escrita à internet. No interior dessas gigantescas empresas, a rentabilidade e a lógica do poder são os únicos critérios que orientam a produção de livros (BRÉMOND; BRÉMOND, 2002, p. 10, tradução nossa).

No gênero que estamos analisando, verificamos esse fenômeno da “onipotência da difusão” através da repetição de “Frases-irmãs” em diversos veículos de divulgação:

“Se a intenção fosse matar, por que só 111, e não os 2.200 presos?”
Ubiratan Guimarães, em depoimento no início do seu julgamento (I, 27/06/01).

“Havia 2200 presos no Pavilhão 9 e apenas 111 morreram”.
Ubiratan Guimarães, coronel da reserva da PM, que comandou o massacre do Carandiru (V, 27/06/01).

“Só morreram 111”.
Ubiratan Guimarães, coronel da PM que comandou o massacre do Carandiru (E, 25/06/01).

3.1 critérios da edição.

Dentro dessa concepção de redes editoriais, temos as constelações das linhas editoriais, nas quais os editores e jornalistas se pautam para produzirem os seus textos. Esses textos, às vezes, são recortados para “cabem nas seções”. O verbo “cabem”, aqui, com um duplo sentido, um, concreto, referente ao espaço físico, outro, abstrato, relativo ao “espaço” ideológico (BERGER, 2002).

3.2 O papel do editor

O poder de um editor, necessariamente, limita-se ao direcionamento editorial da publicação em que ele atua, que, por sua vez, se ajusta aos interesses de uma rede que envolve várias outras publicações como já apresentado acima. Mesmo, assim, pode se dizer que não se nega certo poder ao jornalista ou editor, desde que, é claro, reforçando-se mais uma vez, limitado pelos interesses da empresa:

É verdade que o jornalista tem uma margem de autonomia importante e seu comentário não é ditado pelo proprietário do jornal. Até é de desejar um pouco de impertinência, porém, segundo as modalidades e os limites compatíveis com os interesses da empresa (BRÉMOND; BRÉMOND, 2002, p. 56, tradução nossa).

Em suma: “Quase todo veículo de informação segue uma linha editorial – conjunto de convicções que defende em seus editoriais – e é praticamente inevitável que ela tenha alguma influência no tratamento das notícias” (GARCIA, 2003, p. 112).

Apresentaremos a seguir alguns outros exemplos que comprovam esse poder dos editores

3.2.1 Retextualização

Neste item, verificaremos que os editores retextualizam as falas dos locutores segundo critérios subjetivos. Essa é estratégia discursiva e prática social jornalística de fácil comprovação, pois, mesmo sendo destacadas com aspas, delimitando-se as vozes dos locutores, as falas podem apresentar variações lexicais, sintáticas, semânticas e pragmáticas. Se bem que, em muitos casos, não seja possível analisar essas variações separadamente, pois é mais do que sabido que, na língua em uso, elas estão inter-relacionadas.

A explicação que Marcuschi (2001) dá para a prática de retextualização é significativa para o material que estamos estudando. Para o autor, sempre que repectimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando pretendemos citá-los *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, modificando e recriando uma fala em outra. Vejamos os exemplos:

Alterações semânticas

No gênero textual Frase, embora a voz citada conserve indicativo de exterioridade, por causa, principalmente das aspas, podemos verificar que o editor “é senhor do efeito que confere às vozes que reproduz” (MOUILLAUD, 2002, p. 121). Esse efeito pode resultar no distanciamento entre o que é citado e sua legitimação. Os textos estão caracterizados por um dispositivo ou estrutura espacial que superpõe às vozes do locutor a do editor. Essa disposição contribui para que o locutor, em vários casos, seja privado da propriedade de seu discurso. Confirmemos com exemplos comentados.

Exemplos:

“Eu não sou apenas um pedaço de carne de açougue. Também tenho cérebro”.

Nana Gouvêa, modelo, eliminada do programa Casa dos artistas e magoada com o SBT por ter exibido as cenas em que ela aparecia seminua (I, 05/12/01).

“Eu não sou um pedaço de carne de açougue. Também tenho cérebro, só que ele é pequenininho”.

Nana Gouvêa, modelo, eliminada do programa Casa dos Artistas (T – 07/12/01).

Esses exemplos são típicos de “enquadres desfocados” (MARCHUSCHI, 2003), porque não se evitou um recorte epistemológico preconceituoso no segundo exemplo, “só que ele é pequenininho”, que prejudica a “face” positiva da locutora, criando uma imagem estereotipada. A partir desse fragmento de fala, “só que ele é pequenino”, alguns aspectos podem ser levantados:

- a. Por que a locutora afirmaria isso de si mesma?
- b. Com que intencionalidade se reproduziu essa parte da fala?
- c. Se a locutora não falou isso, por que foi acrescentado na retextualização?

- d. Se a locutora falou isso em tom jocoso, por que não se ressaltou esse dado na (re)contextualização?
- e. Se a locutora falou isso, por que no primeiro exemplo não foi retextualizado?

3.2. 2 Recontextualização

O texto, em estudo, pode sofrer variações determinadas pela releitura efetuada pelos diferentes editores. Deste modo, os leitores poderão receber informações ou interpretações dessemelhantes do mesmo evento comunicativo, a depender do suporte em que foi fixado o texto. Analisemos os exemplos:

Alterações semânticas

“Ele é lindo, frágil e perfeito”.

Gerald Thomas, diretor teatral, justificando por que escolheu o ator Reynaldo Gianecchini para protagonizar a sua nova peça inspirada em Hamlet, de Shakespeare (I – 31/01/01).

“Preciso de um ator despreparado para viver um príncipe despreparado”.

Gerald Thomas, diretor teatral, justificando a montagem de O Príncipe de Copacabana, peça baseada em Hamlet, com o galã Reynaldo Gianecchini (V – 31/01/01).

“Preciso de um ator despreparado para mostrar uma pessoa despreparada no mundo de hoje”.

Gerald Thomas, diretor de teatro, sobre Reynaldo Gianecchini (E – 12/03/01).

Facilmente se verifica as alterações semânticas entre as três recontextualizações: no terceiro exemplo, a justificativa da fala recai sobre o ator (reforçando a retextualização). No segundo caso, como o recorte da retextualização isolou uma fala que utiliza um léxico positivo (adequado à descrição de um ídolo), não apresenta comprometimento para a “face” do ator mencionado pelo locutor. Já as outras duas (re)contextualizações, associadas às retextualizações, comprometem a “face” do ator.

Por fim, é importante não esquecer que a recontextualização tem o poder de reformular funções originais dessas Frases quando removidas de seus contextos primários para novos locais de circulação.

4. CONCLUSÃO

As diversas estratégias lingüísticas e discursivas, utilizadas pelos diferentes editores, conforme se demonstrou aqui, concorrem para evidenciar as práticas sociais em que se apóia o discurso midiático. Esse discurso “flui de maneira constante e ininterrupta, encadeia enunciados que se apresentam habitualmente de forma acabada, escondendo os seus processos de gestação” (RODRIGUES, 2002, p. 217). Esse efeito de completude, essa exteriorização

de forma acabada, na verdade, resulta de estratégias discursivas que camuflam o processo de enunciação.

Uma outra forte função estratégica do discurso midiático é naturalizar os recortes arbitrários (RODRIGUES, 2002, p. 223) que o editor executa nos diversos discursos de que se apropria.

No gênero em estudo, verificamos que os processos de retextualização e recontextualização são utilizados como práticas de edição para atingir essa naturalização. Os vários textos utilizados para exemplificar esses processos confirmam tanto os recortes arbitrários, feitos pelos editores, como expõem as diversas estratégias discursivas que são usadas para a naturalização desses recortes.

Como já ressaltamos neste trabalho, Brémond e Brémond (2002) asseveram que poucas multinacionais controlam as informações recebidas pelo público. Como essas empresas noticiosas, sem dúvidas, se norteiam segundo seus interesses, linhas editoriais, inclusive questões de rentabilidade, elas exercem um controle que se traduz em evidente exercício de poder, impondo padrões que uniformizam a oferta editorial, tanto em termos de pontos de vista quando de conteúdos.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.
- BERGER, Christa. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar, e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2^a ed, Brasília: Universidade de Brasília, 2002, p. 273- 284.
- BRÉMOND, Janine; BRÉMOND, Greg. **Las redes ocultas de la edición**. Madrid: Editorial Popular, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Fala e escrita**. Recife, 2003 (apostila).
- MEURER, José L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, Mailce B.M. e TOMITICH, Leda M.B. (orgs.). **Aspectos da Lingüística Aplicada**. Florianópolis: Insular, 2000, p. 149-166.
- MOUILLAUD, Maurice. O sistema de citações. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2^a ed, Brasília: Universidade de Brasília, 2002, p. 117-144.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.).

O jornal: da forma ao sentido. 2^a ed, Brasília: Universidade de Brasília, 2002, p. 217-233.

WODAK, Ruth. De qué trata el análisis crítico del discurso. Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: _____; MEYER, Michel (orgs.). **Métodos de Análisis Crítico del Discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 17-34.